

## OVÍDIO, AMORES, II.3, COMENTÁRIO E TRADUÇÃO

Daniel da Silva Moreira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto apresenta e comenta brevemente uma tradução versificada para a elegia II.3 dos Amores, de Ovídio.

**Palavras-chave:** Ovídio; *Amores*, Elegia, Tradução, Eunuco.

**Abstract:** This text presents and briefly comments a versified translation for the elegy 2.3 from the *Amores*, by Ovid.

**Keywords:** Ovid, *Amores*, Elegy, Translation, Eunuch.

### Apresentação

O poema que apresento a seguir em tradução pertence àquele que é tido como o primeiro conjunto de poemas de Ovídio (43 a.C. – 17/18 d.C.), os *Amores*. A obra, concluída por volta de 16 a.C., reúne 49 poemas de temática amorosa, todos eles compostos empregando dísticos elegíacos, essa diminuta estrofe da poesia antiga formada por um hexâmetro e um pentâmetro datílicos.

O poema é de especial interesse por colocar em cena, como interlocutor ou destinatário da elegia, um eunuco. Segundo John G. Younger, em *Sex in the Ancient World from A to Z*, os eunucos eram “homens castrados, seus testículos e algumas vezes seus pênis eram removidos”<sup>2</sup> (2005, p.67, tradução minha), além disso, pela tradição, geralmente eram “adequados para serem passivos sexuais (*cinaedi*), servos leais e provedores de entretenimento”<sup>3</sup> (2005, p.67, tradução minha). Essa figura pertence, junto de muitas outras, ao chamado código elegíaco, o conjunto de *topoi* literários que cria e sustenta o universo da elegia ao longo de sua existência na literatura romana. Essas regras foram habilmente descritas por Jean-Pierre Néraudau:

O código elegíaco postula um certo número de personagens em torno do casal central, formado pelo poeta que se confessa e pela mulher que ele ama. A história que pode ser reconstituída ao longo das coleções de poemas é a de um jovem homem que ama uma mulher e que deve, para possuí-la, não apenas seduzi-la, mas ainda triunfar sobre alguns obstáculos exteriores, contra os quais ele busca, e às vezes encontra, aliados. Entre os amantes e as amadas interpõem-se os

---

1 Daniel da Silva Moreira atualmente é professor do conjunto de disciplinas de Língua e Literatura Latina do Curso de Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É licenciado em Letras (Língua Portuguesa e literatura correspondente, 2007, e Língua Latina e literatura correspondente, 2010), mestre em Estudos Literários (2011) e doutorando em Estudos Literários pela mesma instituição.

2 No original: “Castrated men, their testicles and sometimes penises removed”.

3 No original: “suitable as sexual pathics (*cinaedi*), as loyal servants, and as entertainers”.

rivais, efetivos ou em potencial, as portas que são guardadas por escravos, mais ou menos corruptos, guardas mais ou menos incorruptíveis, alcoviteiras imorais, passando-se muitas vezes por feiticeiras, e enfim a opinião pública que defende a ordem moral, mais ou menos hipocritamente. Para enganar o marido ou o amante, essa que é a primeira questão da história, o poeta é auxiliado pelas artimanhas das mulheres e pela cumplicidade de suas servas.<sup>4</sup> (NÉRAUDAU, 2005, p. XVII, tradução minha)

No poema em questão, o eunuco é o guarda mais intransponível que se possa imaginar, pois, do modo como Ovídio o representa, ele é um ser liminar, nem masculino (*nec uir*), nem feminino (*nec femina*) e, assim, não tem a capacidade de conhecer a dimensão física do amor. Se a mutilação de crianças é amaldiçoada, é porque, no interior do poema, cria seres que, utilizados como guardiões ideais para mulheres, não podem ser persuadidos, uma vez que não conseguem compreender a urgência e a necessidade do amor.

Ovídio se refere ao eunuco, nos versos 07 e 08, lançando mão de frases de duplo sentido: o guardião é relacionado à incapacidade para atividades tipicamente militares e, ao mesmo tempo, há uma inegável conotação sexual. Desse modo, a inabilidade para a montaria poderia ser lida também num outro sentido, o de não ser capaz de *montar* a parceira sexual. A impossibilidade de segurar a lança, uma das principais armas dos soldados na Antiguidade, pode, por sua vez, ser entendida ainda como uma referência à ausência do pênis no eunuco.

Se a elegia, como sugere Ellen Greene, “baseia-se em papéis claramente definidos para o elegista e sua amante feminina”<sup>5</sup> (2012, p. 357, tradução minha), ainda que com papéis de gênero e poder inversos aos da sociedade, poder-se-ia imaginar que o eunuco ocupa um lugar entre a masculinidade e a feminilidade, um limbo entre esses dois conceitos tão claramente definidos no mundo romano. É o próprio poema que faz pensar nessa possibilidade em seu primeiro verso, como disse há pouco. Contudo, a partir do nono verso, parece haver a proposição de uma exclusão definitiva do eunuco de qualquer participação no espaço da masculinidade romana, sugerindo que desista de quaisquer ideais relacionados ao mundo viril que porventura alimente e, no lugar disso, se dedique à sua senhora, que é sua única razão de ter alguma função no mundo. E assim, há no poema um movimento de crescente deslocamento do eunuco em direção ao feminino, o que pode ser também uma estratégia discursiva que sirva para voltar o olhar do guardião em direção à sua senhora, o prêmio que, em última instância, é o objetivo do eu-poético. É desse modo que passa-se a louvar, junto ao eunuco, as qualidades físicas que – e aí comparece novamente o duplo sentido –, tornariam sua *domina* adequada às *brincadeiras (lusibus)*, ressaltando-se ainda que tais qualidades não teriam qualquer valor se não fossem devidamente aproveitadas. Por fim, há uma menção às artimanhas da amada, que une suas forças às do amante, tornando

4 No original: “Le code élégiaque postule un certain nombre de personnages autour du couple central, formé par le poète qui se confie et par la femme qu’il aime. L’histoire qui peut être reconstituée au fil des recueils est celle d’un jeune homme qui aime une femme et qui doit, pour la posséder, non seulement la séduire mais encore triompher de quelques obstacles extérieurs, contre lesquels il cherche et parfois trouve des alliés. Entre l’amoureux et les belles s’interposent des rivaux, effectifs ou potentiels, des portes qui sont gardées par des esclaves, plus ou moins vénaux, des gardiens plus ou moins incorruptibles, des entremetteuses immorales, doublées souvent de magiciennes, et enfin l’opinion publique qui défend l’ordre moral, plus ou moins hypocritement. Pour tromper le mari ou l’amant, ce qui est l’enjeu premier de l’histoire, le poète est aidé par les ruses des belles et par la complicité de leurs servantes.”

5 No original: “is predicated on clearly defined roles for the elegist and his female mistress”

iminentes a derrota do eunuco e a união do casal, embora o eu poético afirme preferir o caminho do convencimento e não o do engano.

Em minha tradução da elegia terceira do segundo livro dos *Amores*, de Ovídio faço a opção de empregar o verso, buscando assim recriar, ainda que minimamente, algo da dimensão estética do texto na língua de partida. Utilizei para a tradução versos de quatorze e doze sílabas (estes últimos sempre que possível alexandrinos, as exceções são os versos 02, 08 e 10) para recriar, respectivamente, os hexâmetros e pentâmetros datílicos do dístico elegíaco. Em todos os versos, mesmo nos de quatorze sílabas, fiz a cesura, uma pausa obrigatória, após a sexta sílaba. Além disso tentei empregar um ritmo que fosse constante, ao menos no interior de cada dístico, como, por exemplo, no terceiro dístico, em que o verso de número cinco tem as tônicas na 2<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup>, 10<sup>a</sup>, 12<sup>a</sup> e 14<sup>a</sup> sílabas e o sexto verso tem as tônicas na 2<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup>, 10<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> sílabas. A utilização de versos de medidas diferentes é uma tentativa de manter a claudicação do dístico elegíaco, característica marcante das elegias (NÉRAUDAU, 2005, p. XI). Ainda em relação ao dístico, procurei preservar uma de suas qualidades, a de, no interior do poema, constituir-se como uma unidade completa e, de certo modo, isolada, em que o poeta normalmente conclui seu pensamento. Tento manter, igualmente, as ambiguidades do texto latino, de que falei anteriormente.

### Tradução

*Ei mihi, quod dominam nec uir nec femina seruas  
Mutua nec Veneris gaudia nosse potes!  
Qui primus pueris genitalia membra recidit,  
Vulnera quae fecit, debuit ipse pati.  
Mollis in obsequium facilisque rogantibus esses, 05  
Si tuus in quamuis praetepuisset amor.  
Non tu natus equo, non fortibus utilis armis,  
Bellica non dextrae conuenit hasta tuae.  
Ista mares tractent, tu spes depone uiriles;  
Sunt tibi cum domina signa ferenda tua. 10  
Hanc inple meritis, huius tibi gratia prosit;  
Si careas illa, quis tuus usus erit?  
Est etiam facies, sunt apti lusibus anni;  
Indigna est pigro forma perire situ.  
Fallere te potuit, quamuis habere molestus; 15  
Non caret effectum, quod uolueres duo.  
Aptius ut fuerit precibus temptasse, rogamus,  
Dum bene ponendi munera tempus habes.<sup>6</sup>*

Ai de mim! Pois, nem macho e nem fêmea, tua dona guardas  
E os gozos mútuos de Vênus saber não podes.  
Quem primeiro cortou membros genitais aos meninos  
Deveria sofrer as lesões que causou.  
Serias doce e brando em complacência aos suplicantes 05  
Se em uma o teu amor já houvesse se aquecido.

6 Texto latino proveniente de: OVIDE. *Les Amours*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris: Les Belles Lettres, 2005. P. 68.

Não és para o cavalo e nem útil às armas fortes,  
À tua destra não convém a lança bélica.  
Que os machos tratem disso e tu depõe viris auspícios;  
Com tua dona é que hás de levar teus estandartes. 10  
Cubra-a de atenções, que sua gratidão te seja útil,  
Pois, se ela te faltar, qual uso tu terás?  
Sua face e idade são aptas para as brincadeiras;  
Vil é perecer a forma em desuso ocioso.  
Ela te poderia enganar, e embora a molestes, 15  
Não carece de efeito o que dois desejaram.  
Mas, se adequado é ter tentado com preces, rogamos,  
Enquanto é tempo, bem empregues teus ofícios.

### Referências

GREENE, Ellen. Gender and Elegy. In: GOLD, Barbara K. (ed.). *A Companion to Roman Love Elegy*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. P. 357-371.

NÉRADAU, Jean-Pierre. Introduction. In: OVIDE. *Les Amours*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris: Les Belles Letres, 2005.

OVIDE. *Les Amours*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris: Les Belles Letres, 2005.

YOUNGER, John G. *Sex in the Ancient World from A to Z*. London; New York: Routledge, 2005.